

# Mobilização para mudar o rumo da negociação



*A poucos dias da nova data-base, Comitê da Cemig continua enrolando. Sindieletro cobra intervenção da diretoria da empresa no processo e categoria mantém disposição para mobilizar*

Enquanto a Cemig tenta fazer da mesa de negociação um espaço de enrolação, a categoria fortalece a mobilização, exigindo qualificação no debate e garantias de Renovação do Acordo Coletivo de Trabalho 2006/2007. A paralisação das atividades em várias unidades do Estado foi apenas para dar uma amostra que a Campanha tomará outros rumos se a direção da empresa não mudar a postura e o ritmo nas negociações.

Esta semana a direção do Sindieletro distribuiu carta aberta solicitando um calendá-

rio sério, que garanta a construção de um Acordo. No documento o sindicato se coloca à disposição da empresa para negociar, a qualquer hora do dia ou da noite, para evitar que a nova data-base, fixada em 16 de novembro, seja ultrapassada.

Até agora, só as entidades sindicais cumpriram a sua parte no processo negocial, apresentando e explicando a Pauta de Reivindicações da categoria. A Cemig, por sua vez, não apresentou as argumentações sobre a proposta e nem garantiu um cronograma para os trabalhos.

*“Mas os eletricitários estão atentos e mobilizados para exigir respeito à nova data-base. Não podemos admitir que as negociações do ACT sejam travadas por um Comitê que já admitiu não ter autonomia para negociar e vamos cobrar providências imediatas por parte da diretoria da empresa”, diz o coordenador-geral do Sindieletro, Wilian Vagner.*

## A farsa na negociação

A Pauta de Reivindicações dos eletricitários foi entregue à direção da empresa no dia 3 de outubro. Em mais de um mês de Campanha para a Renovação do ACT, foram realizadas quatro reuniões, uma a cada semana, sempre com duração inferior a quatro horas. Apesar do pedido formal do sindicato para que a empresa se empenhasse para garantir que as negociações fossem pautadas pelo “respeito mútuo e práticas civilizadas, confiança e ética”, os membros do Comitê se recusaram a definir um calendário de trabalhos que respeitasse a data-base.

Apesar de faltar poucos dias para o fim do período de prorrogação da data, a empresa afirma que manterá o mesmo ritmo nos trabalhos. Até agora não apresentou elementos para o debate e adiou a próxima reunião para o dia 09 de novembro.

mas de saúde e segurança e a melhoria das condições de trabalho.

Para manter a categoria informada e mobilizada, esta semana o Sindieletro realizará setoriais em todas as regionais do Estado, quando serão definidas as próximas ações da Campanha. A categoria já provou ter fôlego para muitas outras mobilizações e demonstra toda a sua indignação contra a postura irresponsável da Cemig nesta Campanha, exigindo respeito ao ACT.

## Informação é a melhor ponte para conquistas

Em relação aos boatos que circulam pela empresa sobre a retirada de conquistas nesta Campanha, a direção do sindicato reafirma que não há possibilidade de negociatas de nenhum direito previsto em ACTs anteriores. Pelo contrário, a direção do Sindieletro quer avançar os trabalhos na mesa assegurando a Renovação do ACT.

Entre as questões centrais, onde deve haver avanços, estão o direito à organização sindical, a garantia de ganhos de produtividade, a solução dos proble-

## Lula foi reeleito com a força dos trabalhadores

*Brasileiros renovaram a aposta no desenvolvimento com justiça social e distribuição de renda*

O presidente Lula cumprirá o segundo mandato legitimado pela diferença de mais de 20 milhões de votos e num cenário político favorável. A imprensa internacional atribuiu a grande vitória ao “apelo popular” de Lula e a boa situação econômica do país, sustentada pela “inflação baixa, desemprego em queda e poder de compra da moeda em crescimento”.

O segundo mandato é desenhado por uma correlação de forças favorável entre Lula e os governadores eleitos e diversos setores da sociedade. No primeiro pronunciamento após a vitória, Lula deu um sinal da disposição para o diálogo e para promover o desenvolvimento com justiça social e distribuição de renda.

Lula ressaltou as conquistas que os trabalhadores

brasileiros tiveram em seu primeiro mandato, fazendo acordos por reajuste maiores do que a inflação.

Para os sindicalistas, Lula mandou um recado: “reivindiquem tudo que vocês precisarem reivindicar. Nós daremos apenas aquilo que a responsabilidade permite que a gente dê. Reivindiquem. Porque o mais importante – esses meus amigos sabem disso, do movimento social, do movimento sindical, dos empresários – eles sabem perfeitamente bem que a coisa mais sagrada ao terminar o mandato de um presidente da República, como legado, é a relação que ele conseguiu estabelecer com a sociedade, consolidando a democracia, consolidando o papel do Estado e consolidando, sobretudo, o papel da participação da sociedade”, afirmou.

Fotos: Benedito Maia



*O presidente Lula e o coordenador do Sindieletro Wilian Vagner*

Regional Ativa!

# Vale do Aço convoca categoria unida para a luta

A Campanha pela Renovação do ACT 2006 está mobilizando os trabalhadores em todo o estado. Na Regional Vale do Aço, as reuniões setoriais e a paralisação do dia 31 contaram com a intensa participação da categoria. Marcos Túlio da Silva, coordenador da Regional, avalia que os trabalhadores da região estão em sintonia com a Campanha. “A mobilização está crescendo. Todos estão cientes de que a Cemig está enrolando”, afirma. Wolmar Ferreira de Paula,

diretor, ressaltou que a paralisação foi muito representativa. “Temos muito a avançar na questão da mobilização, pois a vontade da turma surpreendeu as nossas expectativas”. Geraldo Tavares de Paiva, diretor em João Monlevade, disse que é interesse da categoria discutir toda a pauta, e não só a questão financeira. “Temos que estar atentos para as ofertas da Cemig, porque a nossa história de lutas e conquistas não está à venda”. Segundo José Ribeiro da

Silva, diretor, os trabalhadores em João Monlevade estão ansiosos por notícias. “Sabemos do que está acontecendo através do Sindieletro, pois a Cemig não negocia e nem informa o porquê de não negociar. No ano passado, há uma hora dessas, já estava tudo resolvido”.



Diretor debate Campanha com trabalhadores da região

## CUT amplia trabalho na região

Em setembro e outubro, a CUT Vale do Aço promoveu debates nas escolas públicas da região sobre a importância do voto para a democracia e para a cidadania. Além dessa atividade, no dia 06 de outubro, a CUT Vale do Aço e os movimentos sociais da região promoveram, em Ipatinga, um ato em memó-

ria dos 43 anos do Massacre de 07 de outubro.

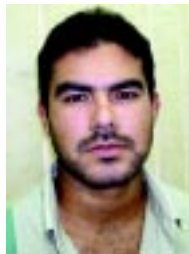
Foi montado um cenário de “reflexão e mística” nas proximidades do local onde ocorreu a chacina em 1963. Uma instalação artística com 300 cruzeiros, intercaladas entre capacetes e botinas, lembravam que muitos já tombaram lutando

por melhores condições de trabalho e vida.

“Relembramos todos os anos esse triste dia porque é construindo a memória e a prática da resistência que podemos evitar que fatos como este se repitam”, destacou Marcos Túlio, que também é presidente da CUT Vale do Aço.

## FALA TRABALHADOR

Fotos: Benedito Maia



Todo mundo está esperando para ver qual a proposta que a Cemig vai apresentar. Só

conhecendo a oferta que ela vai fazer; teremos condição de discutir o que é melhor para nós. O que a Cemig ofereceu no ano passado foi usado para ela aparecer na pesquisa entre as melhores empresas para se trabalhar; mas todos sabem que quem faz os resultados da empresa são os trabalhadores. Neste sentido, estamos mobilizados para conseguir melhorias para todos, assim como propõe a Campanha desse ano. O pessoal aqui da região se identificou com os materiais, que mostram a força dos trabalhadores superando os obstáculos que a categoria encontra na relação com a empresa. Agora é hora de conscientizar e fortalecer a categoria.

**Leonel Campideli Vasconcelos, téc. em expansão do sistema elétrico, DL/EL, Ipatinga**



A empresa já podia ter apresentado uma proposta. É uma falta de respeito

não ter feito isso ainda. Nós trabalhadores paralisamos as atividades para cobrar o avanço das negociações. Essa é uma forma de não fazermos o jogo da empresa, de dizer que queremos saber o que está acontecendo. Precisamos conhecer a proposta da Cemig o quanto antes, para então tomarmos as nossas decisões. Conversando com a turma, percebemos que estão todos dispostos a continuar mobilizados. Em Monlevade, o pessoal está usando a camiseta da Campanha para trabalhar. Agora, temos que ficar de olho para que não tirem outro direito nosso, como fizeram com o anuênio. Do jeito que está, não tem de onde tirar mais nada. Chega!

**Luiz Carlos Banfi, eletricitista, Operação, João Monlevade**

## Acidentes atingem cinco em três semanas

Apesar do discurso, a Cemig não conseguiu reduzir os acidentes envolvendo a empresa: são 29 mortes desde o lançamento da campanha “Acidente Zero”. Em um mês foram registrados mais três acidentes graves que atingiram cinco trabalhadores terceirizados, com a morte de um deles.

No dia 16 de outubro, o eletricitista da empreiteira E.M Construções Elétricas Ltda, Nilton Vieira Maia, trabalhava na substituição de uma cruzeta em Delfinópolis, quando foi vítima de forte choque elétrico. Ele sofreu queimaduras de 1º e 3º graus e teve as pernas amputadas. Nilton está internado no Hospital João XXIII e sua situação clínica é gravíssima.

A médica do trabalho do Sindieletro, Ana Lúcia Murta, está acompanhando o caso. “Esse jovem de 28 anos foi víti-

ma de um trauma brutal. Isso revolta a todos nós, e causa insegurança às pessoas expostas às precárias condições de trabalho”.

### Mais quatro vítimas

Outro acidente ocorreu no dia 12, com os trabalhadores da empreiteira Barra Projetos e Construções Ltda, em Paracatu. Valdir Teixeira de Souza, 31 anos, Ricardo Silva de Souza, 21, e Marcos do Carmo Guieiro, 26, sofreram queimaduras de 1º, 2º e 3º graus.

Mais um acidente fatal aconteceu no dia 27 na usina de Queimados, em Unaí. Rogério Antônio Dias, 45 anos, foi contratado pela empresa Techdive que prestava serviço para a ALSTOM e Queiroz Galvão (CBQ). Rogério estava corrigindo um vazamento no túnel de desvio da barragem, quando morreu afogado.

Jairo Nogueira Filho, diretor de Saúde e Segurança do Sindieletro, diz que é um crime a maneira como a Cemig e as empreiteiras tratam os terceirizados. “Eles não recebem treinamento adequado, ganham salários menores e sofrem grande pressão por produtividade”.

### Visão da empresa

No mês em que esses acidentes foram registrados, os representantes do Comitê da Cemig disseram, na mesa de negociação, que a empresa não mede esforços no que diz respeito à saúde e segurança do trabalhador. A direção do Sindieletro denunciou a visão equivocada da empresa que tenta transferir a responsabilidade para os trabalhadores envolvidos em acidentes, ao invés de cumprir normas de segurança e melhorar as condições de trabalho.

# Cemig piora condições de trabalho para compensar a falta de pessoal

Fotos: Benedito Maia/Arquivo



Trabalho noturno e condições desfavoráveis penalizam eletricitistas

Ao longo dos quase 60 anos de história da organização dos eletricitários, o que a categoria conquistou de melhores condições de trabalho a Cemig, agora, tenta retirar com todo o seu autoritarismo. Exemplo disso foi a conquista do turno ininterrupto de revezamento de seis horas com escalas alternativas 5X3, 5X3 e 5X4 no ACT 1989/1990 e que, em 1997, a empresa confiscou com a imposição da escala 6X3. Além de menos folga, os trabalhadores foram obrigados a trabalhar 150 horas a mais por ano, de graça. Outro exemplo foi a decisão unilateral do horário diferenciado. Ambas as imposições, para cobrir a falta de pessoal, são irregularidades e já foram denun-

ciadas à Delegacia Regional do Trabalho (DRT).

A categoria, contudo, não assiste de camarote. Nesta Campanha, os trabalhadores se

mobilizam pelo fim da escala 6X3, do horário diferenciado e buscam outras conquistas para melhorar as condições de trabalho, reivindicando a redução

da jornada para 35 horas, sem redução da remuneração, e a ampliação do atendimento ao público para 12 horas diárias, com dois turnos de trabalhadores. Outra reivindicação é a definição de critério para as transferências, garantindo aos trabalhadores a oportunidade de ocuparem cargo vago idêntico em outra localidade.

## Mais exploração

Diretores de base do Sindieletro avaliam a precarização nas relações de trabalho e suas conseqüências para a categoria. De acordo com Jair Gomes Pereira, da Regional Metalúrgica, as mudanças trouxeram mais exploração, sobrecarga e riscos à saúde e segurança dos

eletricitários. Além disso, acrescenta, o trabalhador perdeu rendimento com as 150 horas trabalhadas na escala 6X3.

Para a diretora da Regional Norte, Maria de Lourdes de Lima da Fonseca, o excesso de horas trabalhadas tem reflexo também na vida familiar e nas relações de gênero. “Uma das reivindicações importantes é a redução da jornada sem redução na remuneração. Mais do que garantir saúde e segurança, esta conquista vai proporcionar aos trabalhadores, por exemplo, mais tempo para compartilhar com a mulher as responsabilidades da educação dos filhos”, destaca.

## Retrabalho e desordem penalizam trabalhadores

Natanael Marçal de Souza, diretor da Regional Triângulo, afirma que o excesso de reclamações do atendimento da Cemig e o retrabalho do pessoal do plantão devido aos erros cometidos pelas empreiteiras “estão entre os problemas mais críticos para os trabalhadores e consumidores”.

Na região Oeste, a jornada de trabalho, na área operacional da Cemig, está totalmente desordenada e causa inúmeros prejuízos à população e trabalhadores. Celso Primo, coordenador da Regional Oeste, diz que a Cemig sacrifica os trabalhadores e seus familiares com a exigência de que todo o tempo seja dedicado à empresa. “O horário diferenciado é desumano e possibilita que supervisores tomem atitudes autoritárias, como já aconteceu em Divinópolis. Um supervisor determinou que o horário de almoço seria de apenas 7 minutos para os eletricitistas de escala”, revela.

Prejuízos para os trabalhadores também são constantes

nas regiões da Mantiqueira e Vale do Aço. O diretor da Regional Mantiqueira, César Murilo da Trindade Velho, conta que a chefia local mudou as escalas do horário diferenciado, antes semanais, para mensais, o que causou enorme revolta. “Ninguém em São João Del Rei concorda. Há os trabalhadores que estudam e quando estiverem na escala noturna vão entrar em desespero”, critica.

Em Barão de Cocais, no Vale do Aço, foram adotadas escalas de horário diferenciado de seis meses. “Em época de chuva, a sobrecarga de trabalho e o risco de acidentes são muito maiores porque o pessoal precisa atender diversas localidades, viajando quilômetros. Quem estuda vai perder o ano ou trancar matrícula”, alerta o diretor da Regional Vale do Aço, Geraldo Tavares.

## Trauma

“Há muitas coisas que o dinheiro não compra. A felicidade é uma delas e nós, eletricitários, sabemos que para sermos plena-

mente felizes é preciso buscar uma melhor qualidade de vida, com saúde e segurança e mais tempo para família”, ressalta José Adão Queiroga dos Anjos, diretor da Regional Leste. Ele lembra que muitos trabalhadores de Governador Valadares sentiram na pele o trauma das transferências forçadas pela

Cemig, deixando para trás a esposa, filhos e demais familiares, além daqueles cujas esposas tiveram que abandonar o emprego. Depois ainda tiveram que readaptar às más condições de trabalho com a escala diferenciada. “Os transtornos físicos e psicológicos foram traumáticos”, avalia o diretor.



## Dificuldades para quem estuda

Na opinião dos trabalhadores, só a mobilização vai garantir a melhoria nas condições de trabalho. Alguns deles avaliam que a escala 6X3 e o horário diferenciado foram impostos “para atender os interesses da Cemig, que insiste em não repor o seu quadro de pessoal tão desfalcado”. Também reclamam das dificuldades impostas a quem estuda.

No São Gabriel, a equipe do horário normal (8 às

17h) é obrigada a fazer horas extras até 21 horas, em média, no período de chuva, sendo avisada bem em cima da hora do encerramento da jornada. Os que estudam têm que faltar às aulas. “Sabemos que a empresa nos obriga a trabalhar até 13 horas por dia por falta de pessoal”, disse um trabalhador. “Somos tratados como cachorros, nem tempo para conviver com filhos e esposa temos mais. Há companheiros que correm o risco de perder o ano na faculdade”, dis-

se um eletricitário.

As dificuldades impostas não se limitam à exigência de escalas e de horas extras no horário das aulas. Muitos eletricitários estudam em outras cidades, pedem transferência mas não conseguem. “A Cemig não vê que o prejuízo é também da empresa, visto que ao investir em sua formação, o trabalhador se tornará melhor qualificado para suas funções”, observou um trabalhador.

# Cemig quer vender vila construída nos anos 70

Com cada vez mais repercussão nacional, venda foi tema de reportagem do jornal O Estado de São Paulo, em setembro. Leilão da Vila de Jaguara é resultado da automação da usina e dos PDIs adotados pela Cemig nos últimos anos

Pela segunda vez, a Cemig tenta vender a Vila de Jaguara, uma verdadeira cidade de 235 hectares construída nos anos 70 para abrigar os trabalhadores da Usina Hidrelétrica de Jaguara. Em março do ano que vem, a companhia divulgará o edital com as regras para a venda. Primeiros estudos revelam que o preço da vila será de aproximadamente seis milhões de reais. O lugarejo se localiza na divisa do Triângulo Mineiro com São Paulo. Atualmente, apenas o engenheiro eletricista Nilton Braz de Moura, responsável pela Usina, ainda vive no local. Seus antigos colegas se mudaram para cidades próximas como Rifaina, Sacramento e Uberaba.

Finalizadas as obras da usina, todas as casas de madeira onde os trabalhadores viviam foram demolidas, dando lugar a imóveis de alvenaria. Em seu auge, a Vila de Jaguara chegou a ter 500 habitantes, todos trabalhadores da Cemig, que se despediram da cidade há 10 anos. Hoje em dia, apenas 31 eletricitários atuam na hidrelétrica com capacidade de produzir 484 MW de energia, que continuará sendo da Cemig, mesmo que a vila seja vendida. A redução do número de trabalhadores se deve ao crescente

processo de automação da usina e às já conhecidas políticas de enxugamento de pessoal adotadas pela Cemig.

“A usina, em operação normal, já chegou a ter cerca de 100 trabalhadores, mas a sobrecarga de trabalho, associada aos Planos de Desligamento Incentivado – PDIs, e a pressão sobre os trabalhadores foram responsáveis por um esvaziamento cada vez maior. Atualmente, existem até casos de trabalho isolado, o que contraria a NR-10”, comenta Salim Gomes Araújo, coordena-

dor da Regional Triângulo. Para ele, a venda da vila é mais uma forma de a Cemig leiloar seu patrimônio com o objetivo de aumentar os lucros de seus acionistas. “Isso também demonstra a falta de compromisso social da Cemig, em relação a um patrimônio que poderia ser utilizado em favor da comunidade. Em lugar da venda, toda a área da vila da Jaguara poderia ser transformada num espaço de lazer para os trabalhadores da Cemig e para as populações vizinhas”, diz.

## Potencial turístico

Para concretizar a venda da vila, a Cemig irá jogar pesado para exaltar as belezas naturais do local, cuja maior atração é a água limpa do Rio Grande. No lugarejo também vivem tamanduás, raposas, micos e diversas espécies de pássaros, além de uma infinidade de árvores frutíferas. No entanto, estas riquezas naturais não despertaram o interesse de compradores no ano passado, quando a companhia lançou o primeiro edital de venda. Como não houve divulgação suficiente, ninguém apareceu para fechar o negócio.

## Passado distante

Hoje com a aparência de uma cidade abandonada, no passado a Vila de Jaguara já teve uma ativa vida cultural e social. O clube da cidade, com sua piscina olímpica de 25 metros, já abriu espaço para festas e noites de jogos no extinto Cassino Sevilha. A praça do lugarejo era rodeada por supermercado, açougue e locadora de vídeo. Hoje, depois das 16h45, não se vê ninguém nas ruas da vila. Após este horário, apenas o engenheiro Nilton e os seguranças permanecem no local.

Foto: Agência Estado



Automação da usina e enxugamento do quadro de pessoal criaram “cidade fantasma”

## O que ainda existe

- 70 casas de alvenaria
- 1 hotel
- Uma igreja
- 1 clube
- Uma escola
- 1 ambulatório médico
- 1 centro comercial
- 1 aeroporto
- 1 restaurante
- Uma quadra de peteca

